

Teresa de Lisieux e a amizade

Therese of Lisieux and Friendship

JEAN-MARIE LAURIER*

Resumo: Teresa de Lisieux é menos conhecida na dimensão da amizade espiritual e humana do que Santa Teresa d'Ávila. Suas experiências negativas na infância e adolescência avaliadas com os critérios pessimistas do livro da *Imitação de Cristo* poderiam enganar. Na última etapa de sua vida no Carmelo teresiano, em coincidência com a doença física e com a noite da fé e da esperança, Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face recebeu como um divino presente a amizade de uma irmã mais jovem, a quem devia formar no carisma teresiano e que tinha condicionamentos familiares e temperamentais complicados: Irmã Maria da Trindade. As cartas da santa de Lisieux e os diversos testemunhos manifestam a grande maturidade e liberdade na amizade pela mais jovem Doutora da Igreja e mais ilustre discípula de São João da Cruz.

Palavras-chave: Amizade. Amor. Jesus. Absoluto. Fraternidade. Critérios. Universalidade. Exclusividade. Maturidade. Liberdade. Verdade. Sofrimento. Crescimento.

Abstract: Thérèse of Lisieux is less well known in the dimension of spiritual and human friendship than Saint Teresa of Avila. Her negative experiences in childhood and adolescence, evaluated with the pessimistic criteria of the book of the *Imitation of Christ*, could be deceiving. In the last stage of her life in the Teresian Carmel, in coincidence with her physical illness and with the night of faith and hope, St. Thérèse of the Child Jesus and of the Holy Face received as a divine gift the friendship of a younger sister, whom she had to form in the Teresian charism and who had complicated family and

* Padre Jean-Marie Laurier é doutor em Teologia pela Universidade de Friburgo, Suíça. Sacerdote no Instituto Secular Carmelitano Nossa Senhora da Vida. Contato: jmlaurier58@gmail.com

temperamental conditionings: Sister Mary of the Trinity. The letters of the Saint of Lisieux and the various testimonies show the great maturity and freedom in friendship by the youngest Doctor of the Church and the most illustrious disciple of Saint John of the Cross.

Keywords: Friendship. Love. Jesus. Absolute. Fraternity. Criteria. Universality. Exclusivity. Maturity. Freedom. Truth. Suffering. Growth.

Problemática

A respeito de Santa Teresinha “a mais jovem e graciosa das doutoras [da Igreja]”, o teólogo dominicano brasileiro frei Carlos Josaphat Pinto de Oliveira escrevia:

O segredo da pequena via é finalmente o que há de mais universal e central no Evangelho: a perfeição da Caridade, estimada e vivida como o Mandamento de Jesus e a seu exemplo. É a prática simples, exigente e perfeita do amor, tornando-se o empenho constante e eficaz de fazer os irmãos e as irmãs felizes a cada momento. É um zelo carinhoso, incansável, escondido, multiplicando os gestos capazes de agradecer e encaminhar para o amor¹”.

Na vida e na mensagem da santa de Lisieux, a caridade, o amor evangélico vibram, como uma *lira com diferentes cordas*, afirma Frei François-Marie Léthel², carmelita descalço francês, grande especialista na cristologia³ e colaborador na *Positio* para a proclamação do doutorado de Teresinha em 1997. Estas cordas são quatro: o amor *filial* para com Deus Pai redescoberto nas suas entranhas de Misericórdia, o amor *nupcial*, esponsal, para com Jesus, seu *tudo* e seu centro, o amor *materno* para com os grandes pecadores e criminosos como Pranzini, o amor *fraterno* requintado pelas suas irmãs de comunidade e pelos sacerdotes.

Surge então a seguinte pergunta animadora da nossa pesquisa: existiria na *lira* de Teresa de Lisieux uma quinta corda, a corda da *amizade*, modelo

¹ Frei Carlos Josaphat, *As santas doutoras*. Espiritualidade e emancipação da mulher, ed. Paulinas, São Paulo, 1999, p. 117.

² François-Marie Léthel, ocd, *La lumière du Christ dans le coeur de l'Eglise*. Jean-Paul II et la théologie des saints. Retraite de Carême avec Benoît XVI. Librairie éditrice vaticane. Parole et silence (Sorgues. Studium Notre Dame de Vie), 2011, p. 106-107.

³ Autor da síntese: *Lamour de Jésus. La christologie de sainte Thérèse de l'Enfant-Jésus* (Jésus et Jésus-Christ n. 72). Desclée, Paris, 1999.

e referente humano frequente para o amor a Deus e aos irmãos, tanto na Revelação bíblica como na tradição teológica? Qual seria então o papel e o lugar da amizade na vivência⁴ e na mensagem da *mais jovem e graciosa* das dotoras da Igreja?

1 Experiência inicial e visão negativa das amizades humanas

No Manuscrito A, primeiro manuscrito da *História de uma alma*, que percorre sua vida e seu itinerário espiritual desde a infância em Alençon até o *Ato de oferecimento ao Amor Misericordioso de Deus*, aos 9 de junho de 1895, Teresa de Lisieux menciona várias experiências que ela fez das amizades humanas antes de entrar no Carmelo e as avalia negativamente⁵.

1.1 Amizades frustradas da infância e adolescência

Entre outubro de 1881 e março de 1886, Teresa foi escolarizada na abadia das beneditinas de Notre-Dame du Pré em Lisieux. Ela seguia as pegadas de sua irmã Celina. Embora ela fosse uma boa aluna no plano intelectual, sobretudo no catecismo, esse período a deixou magoada no plano da ligação com as outras meninas de sua idade e de alguma maneira também, com as mestras. Teresa saía do ambiente aconchegante, educado e bastante fechado da casa paterna dos Buissonnets. Depois do falecimento de sua mãe, ela demonstrara até a graça libertadora do Natal 1886, uma sensibilidade excessiva, introvertida e quase neurótica, nos relacionamentos com as pessoas. As mestras da abadia observavam que ela tinha jogos bem diferentes das demais, enterrava pássaros no pátio, contava histórias palpitantes que não acabavam. Porém, nos conflitos inevitáveis no recreio, ela precisava ser defendida pela sua irmã Celina à qual era muito unida. As tentativas de Teresa para estabelecer vínculos sinceros de amizade com as outras meninas fracassaram. Ela própria conta sua decepção pela falta de correspondência e fidelidade das companheiras, fazendo uma

⁴ A referência biográfica mais sólida e completa para os leitores brasileiros nos parece agora a tradução da síntese histórica exaustiva de Guy Gaucher, *Santa Teresa de Lisieux. 1873-1897*. Biografia de Santa Teresinha. Ed. Carmelitanas e Ed. Loyola, São Paulo, 2023. Dom Guy Gaucher, carmelita descalço francês, bispo auxiliar de Bayeux-Lisieux, grande promotor do doutorado em 1997, falecido em 2014, foi sem lugar a dúvida, o melhor especialista da Santa de Lisieux na sua dimensão histórica e na contextualização dos seus escritos, além de ser um excelente escritor. Tive o privilégio de assistir à muitas conferências dele e ser ordenado sacerdote por ele aos 14 de dezembro de 1991.

⁵ As citações serão feitas, conforme a edição francesa da “História de uma alma” restaurada pelo Frei François de Sainte-Marie, ocd, em 1956, com a numeração dos fólhos do primeiro caderno ou Manuscrito A (Ms A) escrito por Teresa em 1895, destinado à Madre Inês de Jesus; também com a indicação frente (r) ou verso (v) do folio mencionado.

releitura espiritual com os critérios da *Imitação de Cristo* que ela já meditava na época e até sabia decorar⁶:

O Bom Deus, querendo meu coração só para [38r] ele, já ouvia minha oração, “*mudando em amargura as consolações da terra*”⁷ ... Meu coração sensível e terno teria, facilmente, se entregado, caso encontrasse um coração capaz de compreendê-lo... Procurei criar laços de amizade com as meninas de minha idade, sobretudo, com duas. Eu as queria bem e, por sua vez, queriam-me bem tanto quanto eram *capazes*. Mas, ai! Como é *mesquinho* e *inconstante* o coração das criaturas!!!!... Logo vi que meu amor era incompreendido. Uma de minhas amigas, tendo sido obrigada a ir para junto de sua família, regressou depois de alguns meses. Em sua ausência, *pensava nela*, guardando preciosamente um anelzinho que me tinha dado. Minha alegria foi grande ao rever minha companheira, mas... Ai! Não obtive senão um olhar indiferente... Meu amor não era compreendido; percebi e não *mendiguei* uma afeição que me era recusada. Mas, o Bom Deus me deu um coração tão fiel que, uma vez que amou puramente, ama sempre. Por isso, continuo a rezar por minha companheira e ainda a amo...

Vendo que Celina *gostava* de uma de nossas Mestras, quis imitá-la, mas não consegui, pois não *sabia* ganhar a simpatia das criaturas. Oh, ditosa ignorância que me livrou de grandes males!... Como agradeço a Jesus ter-me feito encontrar só “*amargura nas amizades da terra*”! Com um coração como o meu, teria me deixado prender e cortar as asas; então, como teria podido “*voar e repousar*”[Sl 54,7]? Como um coração entregue à afeição das criaturas pode se unir intimamente a Deus⁸?... Sinto que não é possível. (...)

Ah! Eu o sinto: Jesus sabia que eu era fraca demais para me expor à tentação. Talvez, se a tivesse visto brilhar aos meus olhos, teria me deixado queimar toda inteira pela *enganadora* luz... Não foi assim. Encontrei só amargura onde almas mais fortes encontram alegria e a ela renunciavam, por fidelidade.

⁶ Cf. Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face, *Obras completas* (Editora Paulus, São Paulo, 2016). Ms A 47r: “Desde há muito tempo nutria-me com a “pura farinha” contida na *Imitação*; era o único livro que me fazia bem, pois ainda não tinha encontrado os tesouros escondidos no Evangelho. Sabia de cor quase todos os capítulos de minha querida *Imitação*. Este livrinho nunca me deixava; no verão trazia-o no bolso e, no inverno, em meu regalo. Tornara-se, por isso, tradicional. Em casa de minha Tia, divertiam-se muito com isso e, abrindo-o ao acaso, mandavam-me recitar o capítulo que tinham sob os olhos”.

⁷ Tomás de Kempis, *Imitação de Cristo* (Editora Vozes, Petrópolis, 2015), Livro III, cap. 26. Excelência da liberdade espiritual, à qual se chega antes pela oração humilde que pela leitura. 3. “A alma. Ó meu Deus, doçura inefável! **Converti-me em amargura toda consolação carnal**, que me aparta do amor das coisas eternas e me fascina pelo encanto de um prazer momentâneo. (...) Dai-me, em lugar de todas as consolações do mundo, a suavíssima unção do vosso espírito e, em lugar do amor terrestre, infundi-me o amor de vosso nome!”

⁸ Cf. São João da Cruz, *Subida do Monte Carmelo* I,4,4 (São João da Cruz, *Obras completas*, Editora Vozes, Petrópolis, 2002).

Não tenho, portanto, nenhum mérito em não me ter entregue ao amor das criaturas, já que disso fui preservada só pela grande misericórdia de Deus!...⁹

A análise muito fina e detalhada de seu fracasso não implica por parte de Teresa desprezo algum pelas amizades humanas, embora esteja impregnada do pessimismo característico da *Imitação de Cristo* com respeito às realidades humanas e intramundanas: a palavra *amargura* domina sem lugar à dúvida o texto. Teresa demonstra sobretudo uma consciência viva e plenamente assumida de sua vocação a um amor virginal e total para com Jesus, assim como uma consciência muito lúcida da sua fraqueza para assumir com liberdade e integridade de coração esta vocação. Ela não teria tido essa capacidade de renunciar às alegrias sadias da amizade humana que outras pessoas têm para segui-Lo, se o próprio Jesus não a tivesse preservado, isolando seu coração sensível e fraco pelo meio das experiências frustrantes e decepcionantes na amizade. Vale a pena observar, por fim, que Teresa, escrevendo na maturidade de sua vocação, mantinha a fidelidade de amor à sua *companheira* de escola que a ignorou, mas sem chamá-la de “amiga”!

Tendo deixado a Abadia antes de concluir seus estudos, Teresa não fora recebida diretamente na Associação da Santíssima Virgem promovida pelas mestras. Ela foi pedir *humildemente* a permissão de participar como externa. Na cronologia, o fato acontece após a graça do Natal, entre março e maio de 1887. Teresa tinha 14 anos.

A Mestra Diretora não quis recusar-me isto, mas impôs como condição que, duas vezes por semana, eu passasse a tarde na Abadia, a fim de mostrar se era digna de ser admitida. Esta permissão, longe de me dar alegria, custou-me extremamente. Não tinha como as outras ex-alunas, uma *Mestra amiga*, com a qual pudesse passar várias horas... Assim, contentava-me em ir cumprimentar a Mestra e, depois, trabalhava, em silêncio, até o fim da aula de trabalho. Ninguém prestava atenção em mim. Por isso, subia à tribuna da capela e ficava diante do Santíssimo Sacramento até que Papai fosse me buscar. Era essa a minha única consolação; acaso não era Jesus o meu *único amigo*?... Não sabia falar senão com Ele. As conversas com as criaturas, mesmo as conversas piedosas, cansavam-me a alma... Sentia que era preferível falar com Deus do que falar de Deus, pois mistura-se tanto amor-próprio nas conversas espirituais!... Ah! Era somente pela Santíssima Virgem que eu ia à Abadia... Às vezes, sentia-me *sozinha*, muito *sozinha*. Como nos dias de minha vida de estudante, quando passeava, triste e doente,

⁹ Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face, *Obras completas* (Editora Paulus, São Paulo, 2016). Ms A 38r e v.

no grande pátio, repetia estas palavras que, sempre, fizeram renascer a paz e a força em meu coração:¹⁰ “A vida é o teu navio, e não tua morada!”¹¹.

Tanto a solidão afetivo-humana de Teresa quanto a exclusividade e totalidade de seu amor para com Jesus são por demais significativas. Elas se articulam e se exigem mutuamente no amor nupcial e na consagração virginal¹². O fato que impressiona é a opção definitiva de Teresa tão jovem e a aceitação coerente, sem entusiasmo pueril e inconsciente, das consequências desta opção¹³.

1.2 Amizades “enganosas” do mundo

Teresa relata uma breve experiência após a cura parcial da sua hipersensibilidade operada pelo sorriso de Nossa Senhora (13 de maio de 1883) e antes de sua primeira comunhão (8 maio 1884). Ela viajou para Alençon com seu pai e suas irmãs. Reencontraram o ambiente encantador que os envolveu antes do falecimento da mãe e da chegada dolorosa a Lisieux. Teresa reconhece que poderia ter sido seduzida por essas amizades mundanas agradáveis e fáceis. Ela avalia com severidade esse clima de comodismo sem grandes ideais, de superficialidade sem perspectiva de eternidade:

Poderia dizer que durante minha permanência em Alençon fiz minha *primeira entrada no mundo*. Tudo, ao redor de mim, era alegria e felicidade; era festejada, acariciada, admirada, numa palavra, durante quinze dias, minha vida não foi semeada senão de flores... Confesso que esta vida tinha encantos para mim. A Sabedoria tem muita razão em dizer: “Que o fascínio das bagatelas do mundo seduz até mesmo o espírito afastado do mal”[Sb 4,12]. Aos dez anos, o coração deixa-se facilmente fascinar, por isso considero uma grande graça não ter ficado em Alençon. Os amigos que tínhamos aí eram muito mundanos; sabiam muito bem conciliar as alegrias da terra com o serviço de Deus. Não pensavam bastante na *morte*, e no entanto, a *morte* veio visitar um grande número de pessoas jovens, ricas e felizes que conheci!!!¹⁴

¹⁰ Teresa cita de *cor*, com um ligeiro deslize, este verso de Lamartine, tirado do poema *Réflexion* que o Senhor Martin gostava de recitar. O poeta escrevera: “O tempo é o teu navio, e não tua morada”.

¹¹ Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face, *Obras completas* (Editora Paulus, São Paulo, 2016). Ms A 40v - 41r.

¹² François-Marie Léthel, ocd, coloca em destaque o *exclusivismo* do amor nupcial em Teresa (*Jesus é meu único amor*, inscrição feita por ela mesma na sua cela) em contraposição com o *inclusivismo* de seu amor materno (Pranzini, os pecadores...) e fraterno (as irmãs da comunidade, o seminarista Bellière, o missionário Roulland, os ateus...). Cf. *La lumière du Christ dans le coeur de l'Eglise*. p. 87-88 ; 107-109 ; 113-116 ; 118-125.

¹³ Cf. as análises de Amadeo Cencini sobre a passagem obrigatória pela solidão e a capacidade de solidão na consagração virgem e celibatária em *Por amor, com amor, en el amor*. Libertad y madurez afectiva en el celibato consagrado. Ediciones Sígueme, Salamanca, 2017, p. 576; 656.

¹⁴ Ms A 32v

Uma segunda experiência, de quatro semanas agora, quase um ano depois da cura total da sua afetividade operada pela graça do Natal 1886, confirmou a ressalva de Teresa a respeito dos relacionamentos mundanos e da procura de amizades humanas gratificantes. Foi na viagem e peregrinação a Roma (novembro de 1887). Ela faz uma análise lúcida, de novo com o critério da *Imitação de Cristo*:

Jamais tendo vivido entre pessoas da alta sociedade, Celina e eu, achávamo-nos entre a nobreza da qual se compunha, quase exclusivamente, a peregrinação. Ah! Longe de nos fascinar, todos esses títulos e esses “de” pareceram-nos como fumaça... À distância, isso, às vezes, me tinha lançado um pouco de poeira nos olhos, mas de perto, vi que “nem tudo o que brilha é ouro” e compreendi esta palavra da *Imitação*: “Não procureis essa sombra que se chama um grande nome, nem desejeis numerosas relações ou a amizade particular de ninguém¹⁵”.¹⁶

Nós poderíamos concluir dessas experiências negativas, avaliadas sobre tudo com os critérios pessimistas da *Imitação de Cristo*, que Teresa, orientada e concentrada desde a infância¹⁷ no amor para Jesus que ela chamaria tantas vezes de “seu único amigo”¹⁸, não teve a oportunidade nem a capacidade de viver esta experiência humana fundamental da amizade. E que seu conceito da amizade se limitou à relação teologal e nupcial com Jesus, única amizade necessária, suficiente, absoluta, que a levou sem hesitação para a consagração no Carmelo aos 15 anos e excluiu como obstáculo qualquer amizade humana. Será certo isso?

2 Unir fraternidade e amizade: o impacto da pedagogia da Santa Madre Teresa no Carmelo Descalço

Com a fundação do mosteiro de São José em Ávila, em 1562, Teresa de Ahumada y Cepeda era plenamente consciente de imprimir um novo estilo de fraternidade. A comunidade passava de cerca de 180 monjas no mosteiro da Encarnação, com muitas desigualdades devidas à posição social das famílias

¹⁵ Tomás de Kempis, *Imitação de Cristo* (Editora Vozes, Petrópolis, 2015), Livro III, 24, 2.

¹⁶ Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face, *Obras completas* (Editora Paulus, São Paulo, 2016). Ms A 55v – 56r.

¹⁷ Com nove anos, no momento da entrada de sua irmã Paulina no Carmelo de Lisieux, Teresa teve a certeza interior e inabalável da sua vocação para o Carmelo e a expressou à priora, Madre Maria Gonzaga.

¹⁸ A expressão “meu único amigo” com suas derivadas (“meu único Amor”, “meu único Amado”, “meu único Tesouro”) perpassa os escritos da santa. Cf. Ms A 40v. Ms B 4v. Cartas 57, 74, 92, 98, 109, 141, 157, 158, 261. Poesias 15, 40, 45, 53.

das monjas¹⁹, a uma fraternidade de 13 irmãs, um *colégio de Cristo* onde todas pudessem se sentirem iguais²⁰. Pela atmosfera de respeito e estima, de suavidade e amizade, Teresa pretendia recriar ao redor do divino Hóspede uma espécie de Betânia²¹. Com a verdadeira humildade e o desapego das realidades mundanas, o amor mútuo se tornava uma disposição essencial, capaz de atrair o dom divino da contemplação; ele fazia da oração uma intercessão eficaz em prole da santidade dos ministros da Igreja e da unidade dos cristãos divididos pela extensão do luteranismo.

2.1 Os desafios do amor mútuo: *Caminho de perfeição*

Teresa de Jesus desenvolveu o tema do amor mútuo em três capítulos (4.6-7) do *Caminho de perfeição*, “livrinho” que chegaria a ser o manual por excelência das comunidades teresianas²². Como o amor mútuo entre os discípulos é o mandamento do próprio Senhor no Evangelho²³, sua necessidade não precisa ser demonstrada. No entanto, sua realização prática oferece bastantes desafios. Para ser perfeito, o amor entre as irmãs deverá ser “virtuoso”²⁴, o qual significa em primeiro lugar, na pedagogia da Madre fundadora, que este amor seja universal e sem particularismos: “Aqui todas devem ser amigas, todas devem se amar e se ajudar”²⁵. Em segundo lugar, este amor deverá ser autenticamente espiritual, sem as interferências desordenadas da sensibilidade e as intercorrências das paixões²⁶, e contudo, impregnado pela ternura, pela solidariedade e afabilidade²⁷.

No eixo da universalidade do amor, a santa Madre opera um discernimento realista, deixando para as futuras comunidades umas pautas iluminadoras e exigentes, mas sempre em direção da maior liberdade do coração chamado a um amor total para o divino Esposo:

¹⁹ Cf. Nicolás González, *Historia del monasterio de la Encarnación*, Editorial de Espiritualidad, Madrid, 1995.

²⁰ *Caminho de perfeição* 27,6.

²¹ *Ibid.*, 17,5-6.

²² Uma boa introdução e comentário ao livro se encontra em Tomás Álvarez, ocd, *Comentarios a Vida, Camino y Moradas de santa Teresa. Para reflexión y oración personal y de grupo*, Burgos, Ed. Monte Carmelo, 2005, p. 283-537.

²³ Cf. Jo 13,35.

²⁴ *Obras completas* de Teresa de Jesus, (Editora Loyola, São Paulo, 2022). *Caminho de perfeição* 4,11.

²⁵ *Ibid.*, 4,7.

²⁶ *Ibid.*, 4,12-13.

²⁷ *Ibid.*, 6,7;7,7.

(...) é extremamente importante amar-vos muito umas às outras; porque não há problema que não seja resolvido com facilidade entre os que se amam, e deve ser grave a coisa capaz de causar um problema. (...) Contudo, por excesso ou por falta, nunca chegamos a guardá-lo com perfeição.

Embora pareça não prejudicar, o excesso entre nós provoca tantos males e imperfeições que só o acredita quem tem experiência própria. No tocante a isso, o demônio tece muitas tramas que, para uma consciência que procura contentar a Deus de modo grosseiro, parecem virtudes, passando despercebidas. Quem, contudo, busca a perfeição as percebe muito bem, porque pouco a pouco elas enfraquecem a vontade, impedindo a total dedicação ao amor de Deus.

Creio que isso deve acontecer mais com mulheres do que com homens, provocando danos muito evidentes para a comunidade. Porque disso vem não se amar tanto a todas; o sentir a ofensa feita à amiga; o desejo de ter com que lhe dar prazer; a busca de tempo para lhe falar e, muitas vezes, para lhe dizer o quanto a ama, e outras impertinências, em vez de falar do quanto ama a Deus.

Essas grandes amizades raramente estão voltadas para a ajuda mútua no aumento do amor a Deus; creio que o demônio as faz começar para que se criem partidos na religião. Logo se conhece a amizade que quer servir Sua Majestade, pois não é levada pela paixão, mas procura ajuda para vencer outras paixões.

(...) Não consintamos, ó irmãs, que a nossa vontade seja escrava de ninguém senão daquele que a comprou com o Seu sangue; vede que podeis, sem perceber como, ficar apegadas sem conseguir recursos contra isso. Oh, valha-me Deus, as ninharias daqui advindas são incontáveis. São tão pequenas que só quem as vê as entende e nelas acredita. Sobre isso, basta dizer que, em qualquer irmã, é ruim e, na prelada, uma verdadeira peste²⁸.

Quanto à autenticidade do amor mútuo, à seu equilíbrio divino e humano, às suas características tanto sobrenaturais como naturais, a Santa discorre sem pressa, como uma mestra experiente ensinando uma arte. Três pontos merecem ser salientados. Trata-se de um amor lúcido, que não se prende às aparências exteriores e tão mutáveis das criaturas, mas olha para aquilo que é estável, eterno na outra pessoa, aquilo que é dom do Criador²⁹. Logo, essas almas *régias* e *generosas* preferem dar mais do que receber. O amor delas é oblativo e desinteressado³⁰. Trata-se, em terceiro lugar, de um amor de benevolência, apaixonado pelo bem da outra pessoa, que se esforça e sofre para que a outra pessoa ame a Deus e seja digna do amor de Deus. A Santa se

²⁸ *Ibid.*, 4,5-8.

²⁹ *Ibid.*, 6,3-4.

³⁰ *Ibid.*, 6,7.

empolga: “Ó precioso amor que vai imitando o capitão do amor, Jesus, nosso bem!”³¹. No entanto, ela recolhe as objeções sem as minimizar:

Pode parecer que pessoas assim não amam ninguém, nem o sabem, senão a Deus. Afirmando que elas amam sim, e muito mais, com um amor mais verdadeiro, com mais paixão e um amor mais proveitoso; enfim, com o amor. E essas almas sempre cuidam mais de dar muito do que de receber; mesmo diante do Criador agem assim. Isso merece o nome de amor, que tem sido usurpado por outras afeições baixas.

Também pode parecer que, se elas não amam aquilo que vêm, a que se afeiçoam? Na verdade, elas amam o que vêm e se afeiçoam ao que ouvem; mas as coisas que vêm são estáveis. Assim, quando amam, vão além dos corpos e põem os olhos nas almas, vendo se há o que amar. Se não houver, mas encontrarem alguma semente de virtude ou disposição para tal, a ponto de, se cavarem, acharem ouro na mina, elas não poupam esforços, pois têm amor a isso; nada se põe diante delas que elas não enfrentem de boa vontade para o bem daquela alma, pois desejam amá-la de modo duradouro e sabem muito bem que, se a alma não tiver bens espirituais e não amar muito a Deus, elas não o podem fazer.

Quando amam alguém, as almas perfeitas têm um ardente desejo de que ele seja digno do amor de Deus, porque, como eu disse, sabem que só assim podem continuar a amá-lo. É uma amizade que lhes custa muito; elas não deixam de fazer tudo o que puderem para dar-lhe proveito, e perderiam mil vidas para que ele tivesse um pequeno bem³².

O capítulo 7 do *Caminho de perfeição* traz o contrabalanço da prudência, da humildade e da compreensão nos relacionamentos fraternos. Não se julgar por cima das fraquezas da outra irmã, renunciar aos juízos globais sobre as pessoas, opor a virtude e a intercessão, em vez da repreensão e censura, às quedas dos outros, alegrar-se com os menores progressos deles: tudo isso contribui à paz e à amizade. Os ímpetos de primazia que se traduzem em dureza e rispidez no trato, os complexos de superioridade, em qualquer dimensão – social, cultural, espiritual –, são o mal por excelência a ser extirpado e um veneno para a amizade comunitária³³.

No final do *Caminho de perfeição*, ao comentar o pedido da oração dominical: “Não nos deixeis cair em tentação” e ao descrever o autêntico temor de Deus, a nossa mestra na arte de amar evocará essa distensão e suavidade no trato entre irmãs, essa afabilidade e amabilidade que devem

³¹ *Ibid.*, 6,9.

³² *Ibid.*, 6,7-9.

³³ *Ibid.*, 7,7-10.

impregnar também os relacionamentos delas com as pessoas do exterior, em contraposição à rudeza e aspereza, às atitudes de mutismo ou todo o tipo de modalidades descorteses. “Afável e conversável” são termos equivalentes em seu léxico e definem o seu reconhecido humanismo:

Assim, irmãs, tanto quanto puderdes, sem ofensa a Deus, procurai ser afáveis e agir de tal maneira com as pessoas com quem tratares que elas apreciem a vossa conversa, desejem o vosso modo de viver e tratar que não se atemorizem nem se amedrontem de praticar a virtude. Isso é muito importante para as religiosas; quanto mais santas, tanto mais afáveis nas conversas com as irmãs. E, mesmo que vos sintais contristadas quando os assuntos de suas conversas não forem o que mais desejaríeis, nunca vos esquivéis se quereis ser úteis e amadas. Com efeito, isto é o que devemos procurar com ardor: ser afáveis, agradar e contentar às pessoas com quem lidamos, em especial nossas irmãs³⁴.

2.2 Fecundidade do carisma da Santa Madre em Teresa de Lisieux³⁵

Não seria difícil verificar até que ponto de perfeição a santa de Lisieux pôs em prática a disciplina teresiana do coração, esse discernimento e essa maturidade no amor mútuo durante seus 9 anos de vida religiosa. Até que ponto ela soube unir fraternidade desinteressada e amizade universal e benevolente. O terceiro caderno da *História duma alma*, chamado de *Manuscrito C*, reflete com uma sinceridade encantadora seus combates e vitórias pessoais para alcançar uma caridade fraterna, universal e justa, ao mesmo tempo que serviçal e requintada, assim como sua maturidade no relacionamento com a priora Madre Maria Gonzaga, de temperamento oscilante e ciumento. Esse mini tratado da caridade³⁶ deve ser completado pelas cartas e bilhetes à suas irmãs de carne, em particular à Madre Inês de Jesus, tão propensa à se preocupar e se afligir no exercício das responsabilidades, à Celina tão autónoma e inclinada ao desânimo, à Maria do Sagrado Coração tão reticente a entrar na “pequena via” aberta pela sua afiliada de batismo.

Ademais, para corroborar a liberdade, afabilidade e maturidade no amor de Teresinha, na trilha da Santa Madre fundadora, convém mencionar

³⁴ *Ibid.*, 41,7.

³⁵ O beato Maria-Eugênio do Menino Jesus, ocd, apontou para esta fecundidade no plano da vida e do amor na conferência que ele ministrou na conclusão das Jornadas teresianas no Instituto Católico de Paris em julho de 1947. Cf. “Santa Teresa do Menino Jesus doutora da vida mística” in *Teu amor cresceu comigo*. Teresa de Lisieux: gênio espiritual. Paulus, São Paulo, 2019 (3a impressão), p. 78-86.

³⁶ Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face, *Obras completas* (Editora Paulus, São Paulo, 2016). Ms C 8r – 33v.

as 11 cartas ao seminarista Maurício Bellière, nas quais ela se manifesta como mãe e irmã espiritual, introduzindo seu irmãozinho nos segredos da divina misericórdia e da via da confiança e do abandono. Também as 6 cartas escritas ao missionário Adolphe Roulland, onde a relação adota um tom mais de igualdade e reciprocidade, beirando com a amizade espiritual, mas sem nenhuma familiaridade. Os usos religiosos da época não a permitiam com um correspondente homem! A distância entre Lisieux e o Sichuan não favoreciam efusões e a possível dispersão do coração, da qual Teresa era muito consciente. No período dessa correspondência tão rara na época para uma carmelita, Teresa afirma sua convicção: é essencialmente pela oração e o sacrifício que a carmelita pode ajudar os ministros do Senhor na missão.

Por fim, os processos de beatificação – ordinário e apostólico³⁷ – salientam o amor preferencial e comunicativo de Teresinha pelas irmãs mais isoladas da comunidade, particularmente no tempo diário de recreação. Irmãs de temperamento complicado ou pouco dotadas que tendiam a se retrair ou marginalizar; irmãs exigentes, minuciosas ou obsessivas, que as outras irmãs procuravam evitar no cotidiano. Algumas delas saíram mais tarde desta comunidade de Lisieux, aliás bastante numerosa.

2.3 Uma amiga para “a maior santa dos tempos modernos”³⁸?

O testemunho da irmã carmelita Maria da Trindade e da Sagrada Face, tanto nos processos de beatificação e canonização³⁹, como nas anotações anteriores ou posteriores feitas por ela⁴⁰, despertou a curiosidade e a atenção

³⁷ *Procès de béatification et de canonisation de Sainte Thérèse de l'Enfant-Jésus et de la Sainte-Face*. I. Procès informatif ordinaire. Teresianum- Roma, 1973. II. Procès apostolique et petit procès pour la recherche des écrits de la sainte. Teresianum-Roma, 1976.

³⁸ A expressão, que virou famosa, foi um intuito do Papa Pio X, dirigido a um bispo missionário que lhe apresentava um retrato da irmã Teresa do Menino Jesus vários anos antes da abertura do processo de beatificação.

³⁹ Os depoimentos do Processo ordinário são considerados como mais próximos aos fatos e mais “espontâneos” do que os depoimentos do Processo apostólico. Cf. *Procès de béatification et de canonisation de Sainte Thérèse de l'Enfant-Jésus et de la Sainte-Face*. I. Procès informatif ordinaire. Témoin XVII. Marie de la Trinité et de la Sainte Face, o.c.d. Teresianum-Roma, 1973, 449-475.

⁴⁰ Os arquivos oficiais do Carmelo de Lisieux colocam à disposição do público o *Caderno vermelho* (CRM) onde a irmã recolheu e completou seus depoimentos nos dois Processos: <https://archives.carmelidelisieux.fr/au-carmel-du-temps-de-therese/la-communaute/soeur-marie-de-la-trinite/documents-soeur-marie-de-la-trinite/>. Também os *Conselhos e lembranças* dela: <https://archives.carmelidelisieux.fr/au-carmel-du-temps-de-therese/la-communaute/soeur-marie-de-la-trinite/documents-soeur-marie-de-la-trinite/conseils-et-souvenirs-de-marie-de-la-trinite/>

dos estudiosos sobre a questão da amizade na existência tão breve da Santa de Lisieux⁴¹. Em concomitância com a formulação da “pequena via”, na etapa de plenitude que ela conheceu no Carmelo a partir do ano 1895⁴², Teresa teria recebido o “presente” de uma autêntica amizade com uma irmã que se tornou uma verdadeira amiga: Maria da Trindade⁴³.

De imediato surge um questionamento: a santa Madre fundadora, Teresa de Jesus, teria aceito esse *particularismo* na amizade universal e fraterna que ela promoveu e pautou a través do *Caminho de perfeição*, manual de vida das suas fundações? Na verdade, como aponta o beato Maria Eugênio do Menino Jesus, ocd⁴⁴, a resposta se encontra na vida mesma da Santa Madre. Ela soube criar vínculos de amizade, não apenas com pessoas de fora das quais recebeu muito, mas também com algumas monjas que iriam prolongar e exportar seu carisma, como Ana de Jesus e Ana de S. Bartolomeu. Sobre tudo, convém mencionar Maria de S. José, conhecida outrora no palácio de Doña Luisa de la Cerda em Toledo, destinatária de inumeráveis cartas da Santa, priora perseguida do Carmelo de Sevilha e amiga de coração com a qual a Madre partilhava e brigava afetuosamente.

Da sua parte, Irmã Maria da Trindade desvenda as ricas dimensões da amizade com Teresa de Lisieux, insistindo sobre tudo aquilo que ela recebeu da *maior santa dos tempos modernos*., apoio, consolo, formação exigente e compreensiva ao mesmo tempo, exemplaridade etc. sem os quais ela não teria perseverado na vocação. No entanto, ao cotejar os depoimentos e memórias dela com as cartas, poesias e bilhetes escritos pela própria Teresa nos três anos e três meses de convivência com a irmã, os estudiosos repararam que a Santa, de maneira recíproca, foi enriquecida espiritual e humanamente por essa amizade; que a Santa se abriu de coração a essa amizade inesperada e à felicidade de partilhar em liberdade e caminhar juntas no mesmo ideal. Este vai ser agora o terceiro ponto de nossa reflexão. “Entre bastidores” por assim

⁴¹ Cf. *Soeur Marie de la Trinité, une novice de Sainte Thérèse*. Souvenirs et témoignages présentés par Pierre Descouvemont (Epiphanie), Cerf, Paris, 1993.

⁴² Conrad de Meester situa a cristalização da “pequena via” por Teresa depois de setembro de 1894 e antes de fevereiro de 1895. Cf. *Dynamique de la confiance*. Genèse et structure de la voie d'enfance spirituelle chez sainte Thérèse de Lisieux. Cerf, Paris, 1969, p. 81.

⁴³ É a argumentação do estudo mais recente redigido por Emilio J. González Martínez, ocd, “Una amiga para Teresa. La amistad entre Teresa de Lisieux y María de La Trinidad”, in *Teresianum* 73 (2022) 165-189.

⁴⁴ *Quero ver a Deus*. IIa parte. Cap. 7 “As amizades espirituais”. Vozes, Petrópolis, 2015, p. 319-327.

dizer, aparecerá São João da Cruz, como guia experiente e referente destas duas carmelitas amigas⁴⁵.

3 O presente da amizade

3.1 Quem era a irmã Maria da Trindade?⁴⁶

Marie-Louise-Joséphine Castel nasceu na diocese de Bayeux aos 12 de agosto de 1874, décimo-terceira filha de uma família de 19 filhos, entre os quais 8 faleceram muito novos. Vários entraram na vida religiosa ou sacerdotal. Maria Luisa foi criada por uma tia até os 4 anos. Sua mãe, Léontine, era muito piedosa. Seu pai, professor de escola, se opôs às leis anticlericais da Terceira República francesa e teve que deixar seu trabalho. A família se transferiu a Paris e o pai se tornou comerciante. A família desenvolveu uma profunda devoção à Santa Face, em auge na época na França. Na adolescência, com seu temperamento curioso e agitado, Marie Louise se encantava com as diversões da Cidade Luz: férias, carrosséis, mercados, lojas etc. No entanto, ela sentiu muito jovem, aos 12 anos, a atração para a vida religiosa, fez o voto de virgindade com algumas companheiras de colégio. Aconselhada pelo seu confessor, pediu para ser admitida no Carmelo fundado na avenida de Messine, em Paris, em 1853⁴⁷. Num retiro de discernimento, o padre Blinot, jesuíta, confessor extraordinário desta comunidade, que pregara pouco antes o retiro

⁴⁵ A influência de S. João da Cruz em Teresa de Lisieux foi muito estudada, a partir dos escritos da própria santa e dos testemunhos das irmãs do Carmelo, em particular de Maria da Trindade. Cf. D. C. L., "Marie de la Trinité, l'amie d'une sainte", 31. Dévotion de Sainte Thérèse de l'Enfant-Jésus pour N.P. St Jean de la Croix. In *Vie thérésienne* n. 77 (janeiro de 1980), p. 49-52. Cf. Dom Guy Gaucher, ocd, *Jean et Thérèse, flammes d'amour*. L'influence de saint Jean de la Croix dans la vie et les écrits de sainte Thérèse de Lisieux. Cerf, Paris, 1996. Emmanuel Renault, ocd, *Ce que Thérèse de Lisieux doit à saint Jean de la Croix*. Cerf, Paris, 2004, p. 163-165. José Vicente Rodríguez, ocd, "El maestro y la discípula. Teresa de Lisieux y San Juan de la Cruz", in *Teresa de Lisieux. Profeta de Dios y doctora de la Iglesia*. Actas del Congreso internacional 30 de noviembre - 4 de diciembre de 1998. Universidad Pontificia de Salamanca - Centro Teresiano Sanjuanista Ávila, 1999, p. 211-215.

⁴⁶ O Carmelo de Lisieux disponibiliza um resumo da autobiografia da irmã Maria da Trindade, escrita por obediência em 1904, e a circular necrológica enviada pelo Carmelo após o falecimento dela no dia 16 de janeiro de 1944. Cf. <https://archives.carmeldelisieux.fr/au-carmel-du-temps-de-therese/la-communauté/soeur-marie-de-la-trinite/circulaire-de-soeur-marie-de-la-trinite/>

⁴⁷ Este mosteiro lançou uma nova tradução do *Cântico espiritual* e da *Chama viva de amor* de São João da Cruz (*Le cantique spirituel et la vive flamme d'amour* par le bienheureux père saint Jean de la Croix. Premier carme déchaussé et directeur de sainte Thérèse. Nouvelle traduction faite sur l'édition de Séville de 1702 publiée par les soins des carmélites de Paris. Tome 1er. Paris, Douniol et Cie, 1875) e uma compilação dos textos breves do santo (*Maximes et avis spirituels* de notre bienheureux père saint Jean de la Croix, publié par les carmélites de Paris. Paris, Oudin, 1895) Existe uma fotografia de Teresa com toda a comunidade do Carmelo de Lisieux tendo na mão este último livro que acabava de sair. Ela foi tomada por Celina e data de julho de 1896.

anual no Carmelo de Lisieux, comentou para Marie-Louise os desafios que a irmã Teresa do MJ enfrentara, até suplicar o Papa, para realizar sua vocação de carmelita aos 15 anos. Marie Louise ficou empolgada com este exemplo, insistiu e acabou sendo admitida pela priora aos 17 anos de idade.

No entanto, sua instabilidade de caráter, sua emotividade quase doentia, a aridez na vida oracional acabaram vencendo em dois anos seu entusiasmo inicial, seus esforços voluntaristas e também sua saúde. Ela teve que sair do Carmelo parisiense e voltou para se fortalecer e amadurecer na Normandia natal. Um ano depois, ela se apresentou ao Carmelo de Lisieux onde foi admitida como postulante aos 16 de junho de 1894. Com bastantes ressalvas por parte da comunidade que a achava por demais espontânea, original e quase extravagante; em tudo caso, bem fora dos padrões religiosos tão formalistas da época. Teresa foi designada como seu *anjo* encarregado de introduzi-la na disciplina e nos usos carmelitanos. Na verdade, Teresa, que continuava a missão tácita de ajudante no noviciado, foi muito mais para Marie-Louise, quem recebeu o nome de Maria Inês da Santa Face, e posteriormente, em 1896, de Maria da Trindade e da Santa Face.

3.2 Formação positiva e lúdica

O retrato que Teresa faz da nova postulante numa carta à sua irmã Celina, que cuidava do pai, Louis Martin, está cheio de humor, de adaptação e fina compreensão:

Queres saber notícias de minha filha. Pois bem! Creio que ela FICARÁ. Não foi educada como nós. É bem triste para ela. Sua educação é a causa de suas maneiras pouco *atraentes*. Mas, no fundo, ela é boa. Agora, me quer bem, mas procuro não tocá-la a não ser com *luvas de seda branca*... No entanto, tenho um título que me dá muito trabalho; sou um “pequeno cão de caça”. Cabe a mim correr atrás da presa o dia inteiro. Tu sabes: os caçadores (as Mestras de noviças e as Prioras) são grandes demais para adentrar nas moitas, mas um cãozinho... Tem o *faro fino* e, além disso, *se mete em qualquer lugar*... Assim, vigio minha filha de perto e os caçadores não estão tristes com seu cãozinho... Não quero fazer mal ao meu coelhinho, mas *lambo-o*, dizendo-lhe com *compaixão* que seu pelo não está bem *liso*, que seu olhar parece demais o de um *coelho selvagem*; enfim, procuro torná-lo tal qual meus caçadores o desejam: um coelhinho bem simples, que se ocupa apenas com as ervinhas das quais deve se alimentar. Divirto-me, mas no fundo, penso que o coelho vale mais que o cãozinho... No seu lugar, há muito tempo que me teria *perdido* para sempre na vasta floresta do mundo!⁴⁸

⁴⁸ Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face, *Obras completas* (Editora Paulus, São Paulo, 2016). Carta 167, aos 18 de julho de 1894.

A parábola do *cão de caça, com faro fino* – Teresa como formadora sem título nem missão oficial- e do *coelho selvagem, de pelo pouco liso* – Maria da Trindade tão pouco convencional e tão pouco controlada- revela um autêntico discernimento perpassado pela sabedoria e pela misericórdia: Teresa sabe analisar e levar em conta os condicionamentos sociais e familiares no acompanhamento da vocação desta jovem; ela confia plenamente – a caligrafia em letras capitais reforça a convicção - na perseverança da jovem, a pesar de seu fracasso anterior, de suas dificuldades para se encaixar nos moldes religiosos e provincianos; ela sabe educar advertindo, exigindo com carinho, expressando seu afeto sem se reprimir: o verbo *lamber* indica contentamento num cachorro!

Teresa abandonará o tom e léxico maternalista (*minha filha*) e, sem renunciar à sua missão de formação⁴⁹, ela se colocará no mesmo patamar que Maria da Trindade, como uma irmã⁵⁰. O episódio da concha de mexilhão destinada a recolher as intermináveis lágrimas da irmã Maria da Trindade é significativo desta cumplicidade fraterna para a superação de uma sensibilidade exagerada⁵¹. Sem dúvida, Teresa encontrou nessa jovem um pouco mais nova (ano e meio menos do que ela) o elo geracional que lhe faltava na comunidade. Ela fora precedido pelas suas irmãs mais velhas, Paulina e Maria, que a continuavam tutelando consciente ou inconscientemente como a menor da família. O posicionamento das irmãs da comunidade com respeito à sua idade era complexo e muitas não perceberam sua maturidade espiritual e humana. Ademais, ela tinha a missão de acompanhar irmã Marta e irmã Maria Madalena, duas irmãs mais velhas e um pouco complicadas.

A chegada de Maria da Trindade trouxe um ar novo e fresco ao noviciado e a abordagem da formação se tornou mais distendida com ela. Neste clima, Teresa explicou para irmã Maria da Trindade a profundidade de seu ato de oferecimento ao Amor Misericordioso de Deus e como não estava reservado às almas já perfeitas, mas a caminho rumo à santidade. Maria da Trindade, depois de certas hesitações por causa da sua suposta indignidade, aceitou fazer

⁴⁹ “Ela não podia suportar qualquer negligência da minha parte” (Depoimento da irmã Maria da Trindade sobre a fé da irmã Teresa. *Procès de béatification et de canonisation de Sainte Thérèse de l’Enfant-Jésus et de la Sainte-Face*. I. Procès informatif ordinaire. Teresianum- Roma, 1973, p. 452)

⁵⁰ Nas Cartas 236, 240, 242 dirigidas à Maria da Trindade nos anos 1896-1897, Teresa a chamará sucessivamente de “querida boneca” (o p. de *poupée* é seguido de três pontos, expressão de certa cumplicidade) de “florzinha querida por Jesus”, “irmãzinha querida”.

⁵¹ É o número 10 das *Lembranças* de Maria da Trindade. Cf. <https://archives.carmeldelisieux.fr/au-carmel-du-temps-de-therese/la-communauté/soeur-marie-de-la-trinite/documents-soeur-marie-de-la-trinite/conseils-et-souvenirs-de-marie-de-la-trinite/>.

esse oferecimento no Advento de 1895, seis meses apenas depois de que Teresa o fizesse com Celina⁵², sua irmã de carne, também noviça e confiada a seus cuidados.

Ademais, Teresa soube aproveitar a inclinação de Maria da Trindade pelos brinquedos da época, jogos e diversões (até experiências de magnetismo⁵³), para levá-la à uma maior liberdade interior e maturidade espiritual na vida comunitária. Teresa se desmarcava assim das irmãs excessivamente sérias que ficavam escandalizadas por essas referências mundanas. No mês de dezembro de 1896, em benefício das missões, as noviças ganharam uma caixa com alguns enfeites de Natal. No fundo da caixa, por acaso, veio um pião. Não sabendo do que se tratava, algumas acharam-no feio e perguntaram para que servia. Irmã Maria da Trindade, sabendo brincar com ele, exclamou: “É muito divertido! É capaz de girar o dia inteiro sem parar, levando umas boas chicotadas!”, e deu-lhes uma demonstração. Teresa, na circunstância, observou tudo e não disse nada. Numa carta-artifício, escrita por Jesus na mesma noite do Natal, ela retoma literalmente as palavras de Irmã Maria da Trindade e as articula com outro jogo divertido que estimulava a irmãzinha nos atos de caridade, “as malhas”:

Para irmã Maria da Trindade. Noite do Natal

Minha esposinha querida,

Oh! Estou contente contigo! Divertistes-me muito o ano todo, jogando malhas. Gostei tanto que a Corte dos Anjos ficou surpreendida e encantada; mais de um querubinzinho perguntou-me por que não o tinha criado como uma criança. Outros perguntaram-me ainda se a melodia de sua harpa não me era mais agradável que o teu alegre riso quando fazes cair uma malha com a bola do teu amor. Respondi aos meus querubinzinhos que não precisavam ficar tristes por não serem crianças, pois um dia poderiam brincar contigo nos prados do Céu; que sem dúvida teu sorriso me era mais doce que a melodia deles, porque não podias jogar e sorrir senão *sofrendo*, esquecendo-te de ti mesma.

Minha esposinha amada, tenho algo a te pedir... Tu me vais recusá-lo? Oh, não! Amas-me muito para isso. Pois bem! Confesso-te que gostaria de mudar de jogo. As malhas, elas me divertem bastante, mas agora eu queria jogar o pião. E, se quiseres, serás *tu* meu pião. Dou-te um por modelo. Vês que ele não é muito bonito; quem não sabe brincar com ele, irá jogá-lo fora. Mas uma criança saltará de alegria ao vê-lo e dirá: “Que lindo! É capaz de girar o dia inteiro sem parar!”

⁵² Teresa redigiu o Ato no dia 11 de junho de 1895.

⁵³ Cf. *Procès de béatification et de canonisation de Sainte Thérèse de l'Enfant-Jésus et de la Sainte-Face*. I. Procès informatif ordinaire. Teresianum - Roma, 1973, p. 455.

Eu, o pequeno Jesus, embora não sejas muito bonita, te amo e te peço não deixes de sempre girar para me divertir... Mas, para fazer o pião rodar, são precisas umas boas chicotadas... Bem, deixa que tuas irmãs te prestem este serviço e sê agradecida para com aquelas que serão mais assíduas em não permitir retardar teu andamento. Quando tiver me divertido bastante contigo, irei te levar para o Céu e então poderemos jogar sem sofrer...
(Teu Irmãozinho Jesus)⁵⁴.

Num clima de educação positiva, Teresa encorajava Maria da Trindade no exercício de duas atitudes características da pequena via: alegria e desapego de si no sofrimento; aceitação positiva das inevitáveis humilhações comunitárias. Maria da Trindade recorda nos Processos como a santa comentava para ela que a pequena via não era um caminho de descanso, de suavidade e consolações. Tudo o contrário! Entregar-se como vítima ao Amor significa entregar-se ao sofrimento, pois o amor só vive de sacrifício⁵⁵.

3.3 Partilhando uma referência essencial

Maria da Trindade deixou um testemunho valioso sobre o amor que santa Teresinha devotava a São João da Cruz, recordando os textos do santo doutor que sua mestra decorava e transmitia com mais insistência. Ela declarou em 1942 na ocasião do IV centenário do nascimento do santo:

Ele é o santo do amor por excelência, dizia santa Teresinha para mim. De fato, ela percebeu nos escritos do santo unicamente a doutrina do amor levada à maior incandescência, ao passo que muitas almas se detêm apenas nas renúncias, esse morrer à natureza, e assim, ficam aterrorizadas⁵⁶.

A Santa explicava para a noviça como ela achava uma confirmação da sua pequena via na estrofe 3 da *Glosa ao divino* [6] de São João da Cruz *Atrás dum amoroso lance*:

Quanto mais alto chegava
Deste lance tão subido,
Tanto mais baixo e rendido
E abatido me encontrava;

⁵⁴ Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face, *Obras completas* (Editora Paulus, São Paulo, 2016). Carta 212, aos 24 de dezembro de 1896.

⁵⁵ *Ibidem*, p. 456.

⁵⁶ Declaração de 1942 recolhida em "Marie de la Trinité, l'amie d'une sainte", *Vie thérésienne* n.77, p. 49: "dévotion de ste TEJ pour NP st Jn+".

Disse: Não haverá quem alcance!
 E abati-me tanto, tanto,
 Que fui tão alto, tão alto,
 Que *lhe dei, à caça, alcance.*

A poesia sanjuanista recorria ao simbolismo da caça de altura, muito em boga nos castelos do século XVI, usando aves pequenas como ceva ou engodo para os gaviões e falcões. Esta poesia expressava o *lance*, ou seja, o dinamismo exitoso, a força conquistadora da virtude teologal da esperança que *tanto alcança quanto espera*. Teresa dava esta interpretação para Maria da Trindade:

O único meio para fazer rápidos progressos na via do amor, é permanecer pequeninha. Agora posso cantar com nosso pai São João da Cruz: 'E abati-me tanto, tanto/ Que fui tão alto, tão alto/ Que lhe dei, à caça, alcance.

Maria da Trindade recordava com gratidão como a Santa lhe ofereceu para sua profissão no dia 30 de abril 1896 a *Glosa ao divino* [11] *Com arrimo e sem arrimo*, do santo espanhol, traduzida em versos franceses⁵⁷, indicando para ela sua preferência pela expressão da terceira estrofe: "o amor tira proveito de tudo, do bem como do mal que encontra em nós". Eis os textos em paralelo:

<p>(S. João da Cruz) Faz obra tal o amor depois que o conheci, que se há bem ou mal em mim, tudo faz de um só sabor, e a alma transforma em si; e assim na sua chama saborosa, a qual em mim estou sentindo, apressa sem restar coisa, todo me vou consumindo.</p>	<p>(Teresa) O Amor - eu fiz a experiência -, Do bem e do mal que encontra em mim, Sabe aproveitar - Que poder! - E transforma minha alma em si. Este Fogo que arde em minha alma Penetra meu coração para sempre. Assim, na sua encantadora chama, Vou me consumindo de Amor.</p>
---	---

O poder e a universalidade do amor divino capaz de sarar as feridas do coração, de vencer todo tipo de situações humanas negativas, fascinou Teresa do Menino Jesus e gerava nela uma confiança absoluta que ela contagiava agora para quem se tornara sua *amiga*.

De fato, o momento da profissão de Maria da Trindade confirma a autenticidade da amizade espiritual nascida entre elas. Ajudada por Teresa, Maria da Trindade aceitara ser adiada na profissão e fazê-la entre as mãos

⁵⁷ Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face, *Obras completas* (Editora Paulus, São Paulo, 2016). Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face, *Obras completas* (Editora Paulus, São Paulo, 2016). Poesia 30.

da Madre Maria Gonzaga, recém eleita como priora, mas em meio a tensões comunitárias. Teresa arrumara a cama da recém professora com os miosótis tão queridos por ela e depusera o seguinte bilhete:

30 de abril de 1896
 Minha Irmãzinha *querida*,
 Gostaria de ter flores imortais para vos oferecer como lembrança deste belo dia, mas é somente no Céu que as flores nunca murcham...
 Estes miosótis ao menos vos dirão que no coração de sua Irmãzinha ficará sempre gravada a lembrança do dia em que Jesus vos deu o Beijo da *união* [Ct 8,1] que deve terminar, ou melhor, consumir-se nos Céus!
 Teresa do Menino Jesus da Sta. Face, rel. carm.⁵⁸

Uma semana depois, para a tomada de véu, Teresa deixou a seguinte lembrança para a irmã Maria da Trindade num santinho com São João da Cruz⁵⁹:

No rosto:
 Por amor, sofrer e ser desprezado.
No verso:
 Pensamentos de N. S. P. João da Cruz:
 Quando o amor é puramente espiritual, à medida que cresce, aumenta também o amor de Deus; e quanto maior é a sua lembrança, maior igualmente é a de Deus, e infunde desejos dele; e, em crescendo um, cresce o outro [Noite escura I,4,7]⁶⁰.
 Tal é a alma que está enamorada de Deus. Não pretende vantagem ou prêmio algum a não ser perder tudo e a si mesma [*Cântico espiritual* 29,11]. Ao entardecer desta vida, examinar-te-ão no amor. Aprende a amar como Deus quer ser amado e deixa a tua condição [*Ditos de luz e amor* 58].
 Lembrança do dia 7 de maio do ano da graça de 1896. Oferecida à minha querida Irmãzinha Maria da Trindade e da Sta. Face.

Poderia-se comentar a re-interpretação que Teresa fazia da famosa resposta do santo (*sofrer e ser desprezado*) ao Cristo na igreja do convento de Segovia, transmitida pela tradição carmelitana de maneira truncada, mas o que interessa o nosso estudo sobre a amizade em Teresa de Lisieux, é a afirmação do livro I da *Noite escura* sobre a memória dum afeto humano e o crescimento paralelo e conseqüente no amor para com Deus. Pensamos que

⁵⁸ Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face, *Obras completas* (Editora Paulus, São Paulo, 2016). Carta 187.

⁵⁹ Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face, *Obras completas* (Editora Paulus, São Paulo, 2016). Carta n. 188, aos 7 de maio de 1896.

⁶⁰ As carmelitas de Paris recolheram este texto em *Maximes et avis spirituels* n. 129.

Teresa encontrou aí a chave libertadora na amizade com Maria da Trindade. São João da Cruz era, sim, o *santo do amor por excelência*. E não apenas da comunicação de Deus com sua criatura e da resposta teologal da pessoa humana chamada a ser esposa do Verbo Filho de Deus. Ele era também o santo do amor fraterno e da amizade espiritual. Teresa tinha feito bastante caminho desde a leitura da *Imitação de Cristo* com seus critérios negativos ou pessimistas sobre as amizades humanas. Ela não hesita em partilhar com Maria da Trindade, agora professa, sua própria referência e garantia espiritual, a magistério de seu pai São João da Cruz.

Da sua parte, Maria da Trindade referindo-se à mesma expressão de São João da Cruz faria o seguinte depoimento:

Nos seus relacionamentos comigo durante o noviciado, ela nunca procurou atrair o meu coração de maneira natural. Porém, ela sempre o possuiu inteiramente, pois eu sentia que quanto mais a queria, tanto mais amava o bom Deus. Alguns dias, eu podia experimentar que meu amor por ela diminuía, e na mesma medida sentia o meu amor por Deus diminuir. Eu achava isso estranho e não conseguia explicá-lo. Mas um dia ela deu para mim um santinho no qual, no verso, ela escrevera esta palavra de São João da Cruz: *Quando o amor é puramente espiritual, à medida que cresce, aumenta também o amor de Deus; e quanto maior é a sua lembrança, maior igualmente é a de Deus, e infunde desejos dele; e, em crescendo um, cresce o outro*. Não pude deixar de pensar que ela tinha lido nos meus pensamentos ao copiar essa passagem tão a propósito⁶¹.

Irmã Maria da Trindade afirmava que, várias vezes, a santa expressara seu desejo de ver São João da Cruz declarado doutor da Igreja, para dar mais crédito a seus escritos, para o maior bem de muitas almas e concluía: “Tenho a certeza que desde o céu, ela trabalhou para este feliz e glorioso acontecimento que nos cumula de alegria”⁶². De fato, no ano 1925 foi a canonização de Teresinha; no ano 1926, na sequência, o doutorado de São João da Cruz.

3.4 Liberdade e verdade na amizade

Como afirmou Guy Gaucher no seu estudo aprofundado da etapa final da breve existência de Teresa⁶³, a partir das primeiras manifestações da doença de tuberculose e da noite da fé em abril de 1896 até a morte aos 30 de

⁶¹ *Procès de béatification et de canonisation de Sainte Thérèse de l'Enfant-Jésus et de la Sainte-Face*. I. Procès informatif ordinaire. Teresianum- Roma, 1973, p. 452.

⁶² *Vie thérésienne* n. 77, p. 50.

⁶³ *La passion de Thérèse de Lisieux*. Cerf-DDB, Paris, 1973, p. 148-152.

setembro de 1897, nós nos encontramos com uma jovem na plenitude de seu ser⁶⁴, na plenitude da sabedoria⁶⁵, com uma maturidade paradoxal em plena juventude. Ela própria é consciente desta maturidade e a assume como uma preveniência e um dom de Deus⁶⁶. Neste período de plenitude, a amizade da Santa para com Maria da Trindade sabe conjugar verdade e liberdade: verdade nas exigências da formação para a consagração e para a santidade⁶⁷; liberdade plena na expressão do afeto.

Maria da Trindade, como ajudante na enfermaria, ficou a par das primeiras hemoptises da Santa e batalhou para que recebera os cuidados adequados. No últimos meses da doença, por diversos motivos, ela ficou afastada da enfermaria. Da sua parte, com o pioramento da doença, Teresa foi liberada da responsabilidade no noviciado. Maria da Trindade sofreu muito de não ter mais acesso à sua formadora e amiga. Estava proibido! Teresa, porém, continuou escrevendo para ela alguns bilhetes cheios de firmeza e de carinho. Algumas amostras:

2 de junho de 1897

O Bom Deus *quer* que suporteis sozinha vossa provação. Dá-lo a entender de muitas maneiras... Mas, minha querida b.[oneca], sofro convosco. E eu vos quero muito. Não sofráis. Amanhã cedo, irei ao vosso encontro por alguns minutos, e no dia seguinte à lavagem, estarei convosco no ofício das Hóstias⁶⁸.

3 (?) de junho de 1897

J.M.J.T.

Florzinha querida de Jesus, compreendi tudo muito bem. Sabeis que não é preciso dizer-me mais nada. O *olhinho* que se acha em vosso cálice mostra-me o que devo pensar de toda a florzinha ...

Boa noite, pobre florzinha. Crede: amo-vos mais do que podeis pensar!...⁶⁹

J.M.J.T. / Jesus + / 6 de junho de 1897

Minha Irmãzinha querida, vossa linda cartinha alegrou-me a alma. Vejo

⁶⁴ *Ibid.*, p. 137.

⁶⁵ *Ibid.*, p. 148-152.

⁶⁶ Cf. Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face, *Obras completas* (Editora Paulus, São Paulo, 2016). *Manuscrito* C 4r.

⁶⁷ Maria da Trindade recordará com insistência esta frase de Teresa: "Eu quero dizer para você a verdade. Você poderá se aborrecer de mim. Porém, eu falarei sempre a verdade para você até a morte". Cf. *Procês ... apostolique*, p. 475.

⁶⁸ Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face, *Obras completas* (Editora Paulus, São Paulo, 2016). Carta 236.

⁶⁹ Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face, *Obras completas* (Editora Paulus, São Paulo, 2016). Carta 240.

que não me enganei pensando que o Bom Deus vos chama a ser uma grande santa, embora permanecendo *pequena* e tornando-vos sempre mais assim. Compreendo muito bem vosso sofrimento por não poderdes falar comigo, mas estejai certa de que também eu sofro com esta minha impossibilidade e de que nunca senti tão bem como ocupais um *lugar imenso no meu coração!*...⁷⁰

Para Irmã Maria da Trindade / 13 de junho de 1897

Que o divino Menino Jesus encontre em sua alma uma morada toda perfumada pelas rosas de Amor; que ele encontre, ainda, a lâmpada ardente da caridade fraterna que aquecerá suas mãozinhas geladas e alegrará seu Coraçõzinho, fazendo-lhe esquecer a ingratidão das almas que não o amam bastante.

Ir. Teresa do Menino Jesus da Sta. Face⁷¹.

Teresa tomou com muita liberdade a iniciativa de encontros “fortuitos”. O mais marcante para Maria da Trindade foi numa ermida do jardim do mosteiro. Ela estava desesperada por não ter mais contato com sua mestra-amiga. Esta última estava escrevendo no seu carrinho de enferma no jardim, debaixo dos castanhos. Teresa fez um gesto para que Maria da Trindade se aproximasse, mas a noviça deu a entender que não tinha a licença de se aproximar dela e muito aflita foi se refugiar na ermida da Santa Face. Estava chorando. De repente, ela levantou a cabeça e viu Teresa sentada a seu lado, que lhe disse:

- Eu não recebi a proibição de vir até vós e, embora morra por isso, quero consolar-vos.

A irmã continua relatando: “Ela secou as minhas lágrimas, inclinou sua cabeça no meu peito. Eu a supliquei que voltasse para seu carrinho, pois estava tremendo de frio. Ela respondeu:

- Não vou fazer até ver o vosso sorriso!

O qual eu fiz de imediato e ajudei ela para voltar até seu carrinho de enferma⁷²”.

Mês e meio antes da sua morte, a lembrança de Teresa, parabenizando irmã Maria da Trindade para seu aniversário, assemelha-se a um testamento-resumo desta amizade espiritual e benevolente, recebida como um presente, vivida com plena maturidade, na verdade e na liberdade do coração:

⁷⁰ Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face, *Obras completas* (Editora Paulus, São Paulo, 2016). Carta 242.

⁷¹ Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face, *Obras completas* (Editora Paulus, São Paulo, 2016). Carta 246.

⁷² Cf. <https://archives.carmeldelisieux.fr/au-carmel-du-temps-de-therese/la-communaute/soeur-marie-de-la-trinite/circulaire-de-soeur-marie-de-la-trinite/>.

Para minha querida Irmãzinha, lembrança de seus 23 anos. - 12 de agosto de 1897.

Que vossa vida seja toda de humildade e amor, para que venhais em breve para onde eu vou: para os braços de Jesus!...

Vossa Irmãzinha, Teresa do Menino Jesus da Sta. Face⁷³.

Reflexões conclusivas

1. Entre fraternidade e amizade: a amizade entre Teresa de Lisieux e irmã Maria da Trindade não implicou exclusivismo algum e não atrapalhou as outras relações fraternas de Teresa com Celina, irmã Genoveva de Santa Teresa, por exemplo, ou com as outras irmãs do noviciado que se mantinham, por sua psicologia, mais distantes, em particular irmã Maria Madelena. A mesma ternura desinteressada perpassa o acompanhamento nas etapas da consagração, as cartas e bilhetes que Teresa lhes dirigiu no último período da sua vida. Também, a mesma dedicação, a mesma benevolência perpassam a correspondência com os *irmãos sacerdotes*. Pelos depoimentos nos Processos de beatificação e canonização, nós sabemos que algumas irmãs mais idosas da comunidade consultavam Teresa do Menino Jesus e aproveitavam seus conselhos e sabedoria. Ela fez questão de ser toda para todas/os, sem procurar o próprio interesse, mas se regozijando na verdade e no bem. A amizade emerge assim na etapa de maturidade de Teresa como uma quinta corda da lira da caridade divina. Sem dissonância com as outras cordas do amor filial, esponsal, materno e fraterno.

2. Amizade e sofrimento: o desabrochar da amizade no período da profissão da irmã Maria da Trindade em abril de 1896, no *luminoso tempo pascal*, coincide com o mergulhar de Teresa no sofrimento físico – a doença fatal da tuberculose – e na provação da fé e da esperança que durará até a sua agonia no dia 30 de setembro de 1897. De maneira antinômica, Teresa experimenta neste período sua maior plenitude, maturidade e liberdade para amar como Jesus e no estilo dele, quando chamava os discípulos na sua Páscoa de *amigos*⁷⁴ e *irmãos seus*⁷⁵. Assim, Teresa nos indica que não há noite na caridade mas também,

⁷³ Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face, *Obras completas* (Editora Paulus, São Paulo, 2016). Carta 264.

⁷⁴ Cf. Jo 15,15.

⁷⁵ Cf. Jo 20,17.

que a libertação do amor, em todas suas cordas e dimensões passa pela Cruz; que a verdade do sofrimento testifica a verdade do amor que nunca passará⁷⁶. Afinal, só conta o amor. Assim, verificamos, por meio deste estudo pontual e centrado na amizade, como Teresa é, de fato, no seu próprio processo de vida e nos escritos que ela deixou como tesouro para a Igreja, *doutora da síntese*⁷⁷.

Referências

ÁLVAREZ, OCD, Tomás. *Comentarios a Vida, Camino y Moradas de Santa Teresa*. Para reflexión y oración pesonal y de grupo. Burgos. Ed. Monte Carmelo, 2005

CENCINI, Amadeo. *Por amor, con amor, en el amor*. Libertad y madurez afectiva en el celibato consagrado. Salamanca, Ediciones Sigueme, 2017

EXORTAÇÃO APOSTÓLICA *C'est la confiance* do Santo Padre Francisco sobre a confiança no amor misericordioso de Deus por ocasião do 150o. aniversário do nascimento de Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face, n. 47. 49. 51

FREI CARLOS JOSAPHAT. *As santas doutoras*. Espiritualidade e emancipação da mulher. São Paulo: Paulinas, 1999

GAUCHER, Guy. *La passion de Thérèse de Lisieux*. Cerf-DDB, Paris, 1973

_____. *Santa Teresa de Lisieux*. 1873-1897. Biografia de Santa Teresinha. São Paulo: Ed. Carmelitanas e Ed. Loyola, 2023

GONZÁLEZ, Nicolás. *Historia del monasterio de la Encarnación*. Editorial de Espiritualidad, Madrid, 1995.

LÉTHEL, OCD, François-Marie. *La lumière du Christ dans le coeur de l'Eglise*. Jean-Paul II et la théologie des saints. Retraite de Carême avec Benoit XVI. Librairie éditrice vaticane. Parole et silence (Sorgues Studium Notre Dame de Vie), 2011

MARIA-EUGÊNIO DO MENINO JESUS, OCD. *Teu amor cresceu comigo*. Teresa de Lisieux: gênio espiritual. São Paulo: Paulus, 2019

_____. *Quero ver a Deus*. Petrópolis: Vozes, 2015

⁷⁶ Cf. 1Co 13,8.

⁷⁷ Exortação apostólica *C'est la confiance* do Santo Padre Francisco sobre a confiança no amor misericordioso de Deus por ocasião do 150º aniversário do nascimento de Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face, n. 47.49.51.

MARTÍNEZ, OCD, Emilio J. González. “Una amiga para Teresa. La amistad entre Teresa de Lisieux y María de La Trinidad”, in *Teresianum* 73, 2022.

MEESTER, Conrad de. *Dynamique de la confiance*. Genèse et structure de la voie d'enfance spirituelle chez sainte Thérèse de Lisieux. Cerf, Paris, 1969.

OBRAS COMPLETAS DE TERESA DE JESUS. São Paulo: Loyola, 2022.

PROCÈS DE BÉATIFICATION ET DE CANONISATION DE SAINTE THÉRÈSE DE L'ENFANT-JÉSUS ET DE LA SAINTE-FACE. I. PROCÈS INFORMATIF ORDINAIRE. Teresianum, Roma, 1973. II. PROCÈS APOSTOLIQUE ET PETIT PROCÈS POUR LA RECHERCHE DES ÉCRITS DE LA SAINTE. Teresianum, Roma, 1976.

SANTA TERESA DO MENINO JESUS E DA SANTA FACE. *Obras completas*. São Paulo: Paulus, 2016.

SÃO JOÃO DA CRUZ. *Obras completas*. Petrópolis: Vozes, 2002.

SOEUR MARIE DE LA TRINITÉ, UNE NOVICE DE SAINTE THÉRÈSE. Souvenirs et témoignages présentés par Pierre Descouvemont (Épiphanie), Cerf, Paris, 1993

TOMÁS DE KEMPIS. *Imitação de Cristo*. Petrópolis: Vozes, 2015.

Artigo recebido em 05/04/2024 e aprovado para publicação em 07/05/2024

Como citar:

LAURIER, Jean-Marie. Teresa de Lisieux e a amizade. *Coletânea*. Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 23, n. 45, p. 77-102, jan./jun. 2024. DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v23i45-2024-5>